



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.02.p68-80>

Adversidade, resignação e espiritualidade: uma abordagem na perspectiva das ciências das religiões em tempos de COVID-19

Adversity, resignation, and spirituality: an approach to the perspective of religion sciences in COVID-19 times

João Batista Vicente do Nascimento*

Resumo

O presente trabalho versa sobre a prática da espiritualidade em tempos de enfrentamento de adversidades. Tomando como base o componente multidisciplinar presente nas Ciências das Religiões, traz de forma resumida o campo de atuação de algumas dessas ciências objetivando clarificar aos leitores as diversas possibilidades de se debater e investigar o fenômeno religioso de um modo em geral. Apresenta a distinção básica entre religião e religiosidade e de que maneira a religiosidade se aproxima da espiritualidade. Respalado em conceitos de espiritualidade e nos envoltórios vinculados à composição do ser, toma como ponto de partida a espiritualidade praticada pelos indivíduos. Utiliza algumas situações vivenciadas por sujeitos da região do sertão no enfrentamento da escassez de chuvas e como esses enfrentamentos podem se relacionar com o atual cenário de pandemia provocado pelo coronavírus Covid-19. Utilizou-se uma metodologia qualitativa descritiva com uso de fontes bibliográficas e algumas analogias com teor de subjetividades por se tratar de situações categorizadas dentro do tempo presente ou mesmo do tempo imediato. Os resultados apontam para além da racionalidade que se espera em termos de resoluções práticas, o uso da espiritualidade como mecanismo de resignação em tempos adversos.

Palavras-chave: Adversidade. Sertão. Resignação e Espiritualidade. Ciências das Religiões. Covid-19.

* Doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Docente do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH VI, Caetité – BA, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde – GEPERCS (CNPq)/Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões - CEPICR e do Núcleo de História Social e Práticas de Ensino – NHIFE (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3438-5319>. Contato: joabatistahistoriauneb@gmail.com.



Abstract

This paper deals with the practice of spirituality in times of coping with adversity. Based on the multidisciplinary component present in the Sciences of Religions, it summarizes the field of action of some of these sciences in order to clarify to readers the various possibilities of debating and investigating the religious phenomenon in general. It presents the basic distinction between religion and religiosity and how religiosity approaches spirituality. Based on brief concepts of spirituality and on the wraps linked to the composition of the human being, it takes as its starting point the spirituality practiced by individuals. It uses some situations experienced by individuals from Sertão (a region in Brazil) in coping with the rainfall shortage and how these confrontations can be related to the current pandemic scenario caused by the Covid-19 coronavirus. It was used a descriptive qualitative methodology using bibliographic sources and some analogies with subjectivity content, owing to the fact that these situations are categorized within the present time or even the immediate time. The results point beyond the rationality that is expected in terms of practical resolutions, the use of spirituality as a mechanism of resignation in adverse times.

Keywords: Adversity. Sertão. Resignation and Spirituality. Sciences of Religions. Covid-19.

Introdução

O período era o segundo semestre do ano de 2012 na cidade de Caetité, localizada no Alto Sertão do Estado da Bahia, onde após um longo período de estiagem, finalmente a chuva chegou. Do primeiro andar onde estávamos hospedados, eu e o meu colega de trabalho à época, professor Eduardo Leite, assistimos pelas janelas uma cena aparentemente simples, mas que, em muito nos chamou à atenção. Um senhor saiu à porta do seu estabelecimento comercial, e, imediatamente pôs-se a lavar as mãos, os braços e o rosto com a água da chuva, ao que Eduardo se manifestou: “se esse senhor não estivesse trabalhando agora, com certeza ele iria tomar um banho de chuva”.

Cerca de dois anos depois, ministrando aulas de Antropologia no Curso de Enfermagem do campus XII (Guanambi-BA) – Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, presenciei uma outra cena inusitada. A sala de aula era no primeiro andar, quando de repente uma aluna exclamou: olha a chuva! De repente, como que num coro que obedece ao comando do maestro, toda a turma se levantou dirigindo-se até a janela, e em seguida passaram a contemplar a chuva que estava a cair naquele momento. Nessa época, a cidade de Guanambi também passava por um longo período de estiagem.

Nesse mesmo período, descobri a existência da Romaria da Terra e das Águas na cidade de Bom Jesus da Lapa, também no Estado da Bahia. A propósito, essa Romaria costuma acontecer no mês de julho com duração de três dias, sendo que a última aconteceu de 06 a 08 de julho de 2019, sob o tema “Terra, Água e Justiça: Direitos Sagrados”. Essa Romaria costuma ser organizada pela Comissão Pastoral da Terra Regional Bahia, Dioceses de Bom Jesus da Lapa, Barreiras, Irecê, Barra, Caetité, Arquidiocese de Vitória da Conquista, Santuário Bom Jesus, organizações e movimentos populares. Além de representantes religiosos, a Romaria reúne trabalhadores rurais, comunidades tradicionais, movimentos sociais, bem como comerciantes envolvidos nas atividades comerciais do turismo religioso. Na cidade tem uma Gruta que serve como Igreja, onde está localizado o Santuário do Bom Jesus da Lapa e que já foi considerada uma das maravilhas do Brasil. Todos os anos acontece a Romaria de Bom Jesus da Lapa, tida como a terceira maior do Brasil onde costuma reunir fieis de várias partes do Estado e do País.

As cidades de Caetité, Guanambi e Bom Jesus da Lapa são relativamente próximas uma da outra. Tomando Caetité¹ como referência, esta dista de Guanambi cerca de 39 Km, e de Bom Jesus da Lapa, por volta de 142 Km. Os territórios de identidade de Caetité e Guanambi, encontram-se inseridos no Sertão Produtivo, sendo que Bom Jesus da Lapa está no território do Velho Chico. Vale ressaltar que a cidade é contemplada pelo Rio São Francisco que passa na mesma.

Essas narrativas representam, como o sertanejo, normalmente afeito a enfrentar as adversidades provocadas pela escassez de chuvas, lida com essa dádiva que muitos podem classificar como sendo da natureza, dos deuses, ou como preferem os adeptos dos cristianismos, uma bênção de Deus. O fato é que, o exercício da espiritualidade é um ingrediente quase que permanente junto ao homem do sertão, que pratica resignadamente a sua fé e esperança de que um dia as coisas podem melhorar. Não será demais dizer, todavia, que, essa mesma resignação e o exercício da espiritualidade podem ser adotados em tempos de adversidades provocadas pelo coronavírus (Covid-19).

Portanto, para o desenvolvimento desse estudo, optamos por uma metodologia qualitativa utilizando o campo e o olhar das Ciências das Religiões, particularmente, na perspectiva da espiritualidade e religiosidade em momentos de adversidades com ênfase no atual cenário pandêmico que o mundo atravessa. Para tanto, as fontes são de ordem bibliográficas intercalando com o atual

¹ Segundo informações obtidas através do Google Maps.

momento cuja categoria de análise histórica podemos classificar como tempo presente ou tempo imediato.

Localizando as Ciências das Religiões

Classificada como Ciências da Religião e Teologia, no momento, a área 44, a mais nova da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Surgiu com a Portaria CAPES nº 174/2016, publicada no Diário Oficial da União - DOU de 13 de outubro de 2016, redesignada pela Resolução nº 01, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço/CAPES – Edição Especial nº 1 – abril 2017². O documento ao tratar sobre o estado da arte da Área (que tem como coordenador o professor Flávio Senra), afirma que ela desenvolve investigações que se orientam por abordagem de perfil multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar e abrange cursos de Mestrado e Doutorado nas modalidades acadêmica e profissional em Ciências da Religião e Teologia.

Como se vê, trata-se de uma área de perfil inter-trans-multidisciplinar, motivo pelo qual vamos destacar como algumas delas se comportam. Embora a área se refira ao termo Religião no singular, optamos pela pluralidade por compreender que essa é sua melhor adequação. Aliás, essa discussão ainda faz parte do estatuto epistemológico do campo religioso enquanto ciência e ainda não é consensual. Por hora, elegemos a História das Religiões, Filosofia das Religiões, a Fenomenologia das Religiões, a Sociologia e Antropologia das Religiões e a Psicologia das Religiões, a serem abordadas não necessariamente nessa mesma ordem.

No tocante à Sociologia das Religiões, tomamos como referência inicial, os dizeres de Giovanni Filoramo e Carlo Prandi (1999), quando afirmam que a Sociologia da Religião não coloca a religião no centro dos seus interesses; fixa a atenção no fato religioso entendido como “produto social” ou como fruto de uma criação coletiva. Muito provavelmente, os autores foram influenciados pelas ideias de solidariedade orgânica e pela concepção de consciência coletiva no pensamento de Émile Durkheim, afinal, este afirma que a religião deve ser tratada como “coisa”. Em outras palavras, deve ser estudada como um fato social, sujeito às transformações ocorridas dentro dos processos sociais. Assim sendo, tomam como ponto de partida a influência da Sociologia Clássica que nasce na França e as repercussões de alguns dos seus principais pensadores tais como Saint-Simon, Augusto Comte, Émile Durkheim e Marcel Mauss. Na área alemã, o principal deles foi Max Weber acrescido dos trabalhos de Ernst Troeltsch³.

A autora Maria José Rosado Nunes, afirma que a Sociologia se propõe a entender as práticas sociais e considera a religião enquanto um dos componentes dessas práticas. Busca compreender os ritos e crenças e seus efeitos sobre como a sociedade se organiza, ou seja, quer saber mais sobre como as comunidades praticam as religiões. Não se pergunta pela verdade da fé, mas em que medida se adota determinadas crenças religiosas. Destarte, complementa que:

² Com 47 anos de existência, os Programas de Pós-graduação (PPG) da atual área Ciências da Religião e Teologia compunham, até outubro de 2016, a extinta área Filosofia/Teologia: subcomissão Teologia. A portaria acima mencionada criou as áreas de Filosofia e de Teologia, sendo esta renomeada, posteriormente, como Ciências da Religião e Teologia. (Extraído do documento da área: https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/ciencia_religiao_teologia.pdf. Acesso em 08/01/2020).

³ Devido ao caráter estrutural desse trabalho, não foi possível uma maior explanação acerca do pensamento religioso de todos os autores citados. Ver mais em FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As escolas sociológicas clássicas; As escolas sociológicas contemporâneas. In: FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 91-156.

Em outras palavras, o objeto da sociologia são as crenças e práticas religiosas tomadas enquanto fatos sociais explicáveis por outros fatos sociais e determinados – ou, pelo menos, por eles condicionados. Assim, o discurso religioso, produzido seja pelos/as mesmos/as crentes, seja pela instituição reguladora das crenças, é tomado pela sociologia como objeto de análise e não como explicação das crenças. A auto-explicação da fé dada pelos crentes, sejam fieis, sejam funcionários, deve ser submetida ao rigor da análise para que se possa explicar, do ponto de vista sociológico, essa adesão religiosa (NUNES, 2007, p. 104).

Doravante, voltada para os sujeitos (homens e mulheres), em suas respectivas práticas religiosas, as Ciências das Religiões devem atentar-se para a recomendação de Joachim Wach, quando afirma que o estudo das implicações sociológicas da religião exige uma abordagem imparcial e objetiva, com os fatos estudados sem preconceitos. “Qualquer tentativa de limitar o alcance do nosso estudo a uma só religião – a nossa própria ou uma que nos é familiar – está fadada a conduzir a conclusões insuficientes ou deturpadas” (WACH, 1990, p. 20).

Do ponto de vista filosófico – e nesse caso, tomando como ponto de partida a filosofia ocidental – as expressões mitológicas estão recheadas de simbolismos religiosos. Por isso, nunca é demais lembrar que as narrativas em torno dos deuses estão repletas de elementos relacionados à natureza. Quando se fala em deus do sol, da lua, do trovão, do fogo ou deus da chuva, será perceptível que trata-se de situações que fugiam ao controle do ser humano em seus primórdios. Dito de outra forma, diante desses fenômenos que não tinham como ser controlados, este começa a imaginar acerca do sobrenatural, do transcendente, da divindade, conseqüentemente passa a se relacionar com o que chama de sagrado.

Não obstante esse contato inicial através do mito, é importante que se aborde sobre questões de ordem conceitual. Paine (2013), afirma que a Filosofia para preservar sua identidade diante de um exército de novas ciências naturais e sociais, continua reivindicando uma espécie de universalidade e de fundamentação, mas de formas bem diversas. Embora isso aconteça ou até mesmo que a Filosofia possa não ter o devido reconhecimento enquanto “mãe” do conhecimento, para as ciências humanas ela é imprescindível. Scott Randall Paine, afirma que as questões estudadas pela Filosofia da Religião, estruturam-se em quatro eixos:

- (1) A discussão da existência e natureza de Deus ou de algo imaterialmente transcendente (metafísica e questões ontológicas e lógicas ligadas);
- (2) As justificativas da crença, a experiência religiosa, a mística e os milagres (epistemologia, Antropologia filosófica, Ciências Cognitivas);
- (3) O problema do mal e do livre-arbítrio (teodiceia, ética);
- (4) As estruturas religiosas cognitivas, morais e rituais, ou o credo, o código e o culto (Fenomenologia e Filosofia comparada das religiões) (PAINE, 2013, p. 102).

O caráter reflexivo e especulativo do conhecimento filosófico repercute como o mesmo encontra-se intrinsecamente relacionado com o estudo da religião. Scott Paine afirma ainda que antes mesmo da Filosofia da Religião propriamente dita, já havia uma relação histórica entre Filosofia e religião, assim classificada “(1) Filosofia é religião, ou vice-versa (identidade); (2) Filosofia e religião (paralelismo); e (3) Filosofia na religião (Teologia e metafísicas religiosas)” (PAINE, 2013, p. 103).

No tocante à Fenomenologia das Religiões, esta possui relação com a Filosofia por conta da sua aproximação e derivação. Os fenômenos, os eventos, os fatos religiosos que se manifestam no cotidiano das pessoas, nas comunidades religiosas fazem parte do objeto de análise da Fenomenologia. Juan Martín Velasco assevera embora o termo tenha procedência da Filosofia e que seja utilizado com

diferentes significados, aplicado ao estudo da religião, trata-se em geral, de um método de interpretação do fato religioso que se distingue por sua reivindicação à totalidade. “*estudia el hecho religioso en todos sus aspectos – y por tomar como punto de partida para esa interpretación todas las posibles manifestaciones del mismo a lo largo de la historia*” (VELASCO, 2006, p. 45).

Um outro campo não menos importante para o estudo religioso é o da Psicologia da Religião. Não por acaso, os profissionais da Psicologia e da Psiquiatria costumam ser bastante requisitados em tempos como este em que o mundo se encontra sob a égide do coronavírus (Covid-19). Outrossim:

A Psicologia da Religião é o estudo do comportamento religioso pela aplicação dos métodos e teorias dessa ciência e este fenômeno, quer pelo aspecto social, quer pelo aspecto individual. Nesse sentido, seu objeto de estudo não se refere à prova da existência ou inexistência de um ser ou de seres supramundanos nos quais se crê, nem se trata da defesa ou crítica de alguma religião ou expressão religiosa específica; antes, é o estudo científico, descritivo e objetivo, do fenômeno religioso no que se refere ao comportamento humano – por excelência, o objeto e trabalho da Psicologia (RODRIGUES; GOMES, 2013, p. 333).

Bem entendido, a partir das distintas abordagens da Psicologia, esta observa o comportamento religioso tentando compreender e descrever o *homo religiosus*. Interessante que, ao estudar o comportamento humano em seus aspectos religiosos, a Psicologia não se presta ao papel de julgar as religiões em si. A emissão de juízo de valor não cabe nesse contexto. Curiosamente, tem sido cada vez maior o número de teólogos se dedicando aos estudos acadêmicos da Psicologia. É possível – e contamos ter tido sucesso nisto - que a atividade do teólogo padre ou pastor, no exercício do pastoreio que já conta com uma ideia de cuidado, aconselhamento e condução, tenha levado esses sacerdotes para o campo da Psicologia como meio de subsidiar melhor suas respectivas comunidades religiosas.

Partindo para a História das Religiões, pode-se afirmar peremptoriamente que a mesma anda muito próxima das Ciências das Religiões. Como a História tem por objeto de estudo o homem no tempo, e que portanto, a sua abrangência é ampla e irrestrita, encontrará no *homo religiosus*, nas mais distintas épocas e lugares os mais variados objetos para foco de análise. Seja nos sujeitos, seja nas instituições religiosas ao longo do tempo, o terreno é fértil para que o historiador possa extrair das fontes as suas mais distintas informações. Corrobora para essa compreensão as proposições de Klaus Hock, quando afirma que:

A Ciência da Religião Histórica visa descrever os desenvolvimentos históricos de distintas religiões e, assim, os desenvolvimentos históricos dentro delas. Portanto, história da religião é primeiramente “trabalhar algo particular”, e toda a diversidade das religiões pode se tornar objeto de interesse: doutrina e prática de fé, costumes e forma de organização, formação de tradições dentro da religião, assim como sua relação com outras religiões. Nesse trabalho, a História da Religião, se serve de habituais métodos histórico-críticos e procura apoio de ciências afins, como Psicologia, Sociologia, Etnologia, etc. Sob aspectos formais, a História da Religião pode ainda ser subdividida em História da Religião Geral, Particular e Específica [...] (HOCK, 2010, p; 31-32).

Fechando esse quadro cujo propósito foi demonstrar de forma mais objetiva os respectivos campos de atuação, apresentamos a Antropologia das Religiões. Sabendo que a Antropologia possui dois importantes campos de investigação como a Antropologia Física e a Antropologia Cultural, vamos encontrar no segundo caso o suporte necessário para o estudo do *anthropos* em seu comportamento religioso, principalmente as representações simbólicas, os mitos e os ritos. Um bom entendimento acerca da dimensão da Antropologia da Religião, vem da explicação curiosa e inteligente apresentada

pelo professor Marcelo Camurça quando nas aulas em programas de Pós-Graduação, costuma prevenir seus alunos assim:

(...) Nesta disciplina a “religião” funciona menos como uma realidade prévia sobre a qual a teoria antropológica busca estabelecer um conhecimento, e mais como um “campo”, construído artificialmente para abrigar de forma plural diversos autores e teorias que trataram de sistemas simbólicos, representações míticas e práticas rituais, por meio dos quais o enigmático contido na lógica do “outro” passa a ganhar inteligibilidade (CAMURÇA, 2008, p. 71).

Tendo isso em mente, é importante que se diga que o caráter multidisciplinar que envolve as Ciências das Religiões não se limita apenas às áreas ora relacionadas. Nesse sentido, pode-se perceber também uma aproximação dessas e outras diversas áreas no atual contexto de enfrentamento da pandemia provocada pelo coronavírus. Sendo assim, doravante deslocamos nossa reflexão para algumas questões históricas vinculadas aos contextos pandêmicos.

Um olhar histórico em tempos de pandemia

Esse artigo foi escrito entre o final de maio e Junho de 2020. No dia 11 de Março de 2020 a Organização Mundial de Saúde – OMS, através do seu diretor-geral Tedros Adhanom Ghebreyesus declarou que estamos vivendo uma pandemia do novo coronavírus. De maneira mais simples, uma pandemia é definida quando uma doença infecciosa atinge um patamar em que afeta um grande número de pessoas espalhadas pelo mundo. E é exatamente o que tem acontecido desde então. A OMS passou a recomendar o isolamento social, fato que no Brasil também temos chamado de quarentena. Desde meados de março estados e municípios decretaram o fechamento de vários estabelecimentos comerciais, permitindo apenas os chamados serviços essenciais. A variada cobertura jornalística, nos dá conta de que o número de óbitos e de pessoas infectadas não para de crescer. As informações indicam que o primeiro caso oficial de Covid-19 foi de um paciente hospitalizado no dia 12 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan na China.

O professor do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, Athur Gruber, afirma que vírus da família *Coronaviridae* causam uma variedade de doenças no homem e nos animais, especialmente no trato respiratório. O professor informa que o causador da atual pandemia de Covid-19 é o Sars-CoV-2:

Sete espécies podem infectar humanos, sendo que três podem produzir doenças graves, o Sars-CoV-2, o Sars-CoV, agente da pandemia de Sars (síndrome respiratória aguda grave) de 2002-2003 e o Mers-CoV, causador da Mers (síndrome respiratória do Oriente Médio). Os coronavírus HKU1, NL63, OC43 e 229E estão associados a doenças com sintomatologia leve (GRUBER, 2020, p. 01).

Desde a Segunda Guerra Mundial, a sociedade contemporânea não contemplou outro evento que tenha tomado proporção tão gigantesca a ponto de “parar” o mundo como neste momento. Todavia, esse evento não é único na história da humanidade. Vamos revisitar alguns fatos do passado, portanto, para entender como em outras épocas adversidades dessa natureza ficaram marcadas na História. Começando pela afirmação de Alexandre Santos de Moraes:

O coronavírus é mais um capítulo de uma longa história de epidemias. Recorde-se, como exemplo, a peste Antonina (165-180), a praga de Justiniano (541-544), a Peste Negra (1347-1351) e, mais recentemente, a Gripe Espanhola (1918). Em momentos de crise, como é costume, fatos do passado são redivivos e funcionam como poderoso convite para refletir sobre antigas respostas dadas a problemas que nos afetam no presente da vida social (MORAES, 2020, p. 16).

Dos eventos mencionados, gostaria de destacar a Peste Negra e a Gripe Espanhola. A Peste Negra, também conhecida como Peste Bubônica, atingiu o continente europeu no século XIV quando milhões de pessoas perderam suas vidas por conta da contaminação. Tal contaminação se deu a partir de uma bactéria encontrada nas pulgas que ficavam em ratos contaminados, quando em contato com os humanos se espalhava rapidamente pela via respiratória e pelas secreções do corpo. Alguns estudiosos acreditam que o surgimento aconteceu na Ásia Central, mais especificamente, na China, provocando milhões de mortes também nessa região e em outras como Mesopotâmia, Mongólia, Síria e Egito.

A Gripe Espanhola aconteceu entre 1918 e 1919, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial e foi provocada pelo surto do vírus influenza, quando provocou a morte de cerca de cinquenta milhões de pessoas. O nome parece sugerir que trata-se de uma doença que surgiu na Espanha, porém, não se sabe exatamente onde começou, embora existam versões sobre o seu surgimento em bases militares nos Estados Unidos. Como nos países que estavam diretamente envolvidos na guerra havia uma censura nos órgãos de imprensa em relação a divulgação da doença (pra evitar atingir o moral das tropas), na Espanha, país que não participou da guerra, a divulgação era livre. E foi por conta da forte divulgação do problema pela imprensa que a mesma ficou conhecida como Gripe Espanhola.

Há questões que me convém destacar como, a Gripe Espanhola chegou ao Brasil e provocou elevado número de óbitos, o fato da existência de outros surtos de doenças que atingiram tanto o Brasil como outras partes do mundo. Porém, para o fechamento desse tópico, encerro com a afirmação de que “a pandemia pelo novo coronavírus (Covid-19) certamente provocará novas concepções de economia, de força de trabalho, de riqueza, de sociabilidade, de higiene, de solidariedade” (MENESES, 2020, p. 57).

“Na caatinga a terra é boa, ruim é o céu” - como fica a espiritualidade?

A expressão entre aspas é de sabor popular e bastante conhecida junto ao homem do campo no sertão. Caatinga vem da língua indígena tupi e significa mata branca, sendo um bioma exclusivamente brasileiro, localizado na Região Nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais (Região Sudeste). Muito associada à região do sertão, os locais onde essa vegetação se encontra, são normalmente marcados pela seca e pela falta de chuvas. Quando na expressão supracitada se diz que ruim é o céu, a referência é exatamente pela escassez de chuvas. Dito de outra forma, a terra é boa, o que limita a sua produção é a falta de chuvas. Este “céu ruim” é a principal adversidade enfrentada pelo homem do campo que vive no sertão.

Mas, o que isso tem a ver com a espiritualidade? Como essa situação pode ser associada ao problema do coronavírus? Isso nos remete à narrativa do corpo introdutório desse artigo. Tendo vivido minha infância na região sul da Bahia e desde a adolescência morando em uma região no território de identidade do Sudoeste Baiano, e que, alguns historiadores chamam de Sertão da Ressaca, embora algumas vezes convivendo com a falta de chuvas, nunca foi na mesma proporção que a normalmente vivida pelos moradores do sertão. Foi quando os fatos narrados me fizeram entender com mais clareza

o quão é demasiadamente importante a chuva para o sertanejo. Quando chove no sertão, tudo se alegria, a terra vermelha, seca, rachada ou batida se transforma, os passarinho cantam, as plantas logo aparecem. O verde do sertão é muito mais encorpado, o verde do sertão é vibrante.

Desde então, passei a compreender melhor a forma resignada com que o sertanejo enfrenta seus problemas, e de maneira particular, fui levado a investigar nas religiões de cristandade como a espiritualidade, a esperança, o uso da fé, o apelo ao sagrado, a religião e a religiosidade são utilizados como forma de enfrentamento das adversidades. Nesse sentido, o povo do sertão em muito tem a nos ensinar em tempos de enfrentamento da pandemia. Devo, todavia, admitir que esse não é um comportamento fortuito, tão pouco exclusivo do homem do sertão. Eis porque, as Ciências das Religiões tem proporcionado à comunidade acadêmica e ao público em geral, um relativamente novo, porém, variado material que tem permitido a pesquisa, o debate e as reflexões voltadas para o campo religioso. Dito isto, é importante então compreender qual a diferença entre Religião e Religiosidade. Recorremos a uma das pioneiras dos estudos sobre o protestantismo na Bahia, a professora Elizete da Silva:

Entendemos a religião e a religiosidade como formas de expressão do sagrado, as quais mantêm estreitos vínculos com os demais elementos constitutivos de um sistema cultural e têm se manifestado com variadas nuances e matizes ao longo da História. Nessa perspectiva, destacamos dois conceitos muito discutidos: religião e religiosidade. E qual a diferença básica? A religião é a instituição. É o corpo sacerdotal, a hierarquia, a teologia, as doutrinas. E o que é a religiosidade? São as vivências, os sentimentos, as práticas, as emoções que permeiam o cotidiano do fiel. (SILVA, 2010, p. 105).

Então, com base nesse conceito, nosso olhar de momento é para os sujeitos e sua religiosidade. Com efeito, a religiosidade vinculada aos elementos em questão, se manifesta no catolicismo popular, nas missas, procissões, romarias, em ritos protestantes como marcha para Jesus, campanhas de oração, etc. Quando o religioso volta-se para o céu e expressa a sua prece pela chuva ou pelo fim da pandemia, ele demonstra sua expectativa pela manifestação do sagrado. Destarte, Mircea Eliade vai chamar de hierofania aquilo que classifica como manifestação do sagrado:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 1992, p. 13).

A expectativa da chuva manifesta através de um ato de fé, é uma experiência hierofônica. Dessa forma, identificamos aí aproximações entre a religiosidade e a espiritualidade. Se na espiritualidade essa pode não ser necessariamente apenas pela prática religiosa, ambas se assemelham no tocante ao fato de que são situações que partem das atitudes dos indivíduos. “A espiritualidade consiste numa relação pessoal, individual com o sagrado em si ou fora de si, imanente ou transcendente, enquanto na religião a ligação ao sagrado realiza-se por práticas institucionalizadas” (COUTINHO, 2012, p. 182). Para o teólogo Carlos Queiroz (2013), espiritualidade pode ser entendida como uma experiência humana no

campo da fé. Uma conhecida definição bíblica para fé, vem do texto que diz: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem” (Hebreus 11:1)⁴. A fé é uma experiência pessoal. Portanto, qualquer julgamento ao comportamento alheio não deixa de ser perigoso. Na perspectiva das Ciências das Religiões, há que se recomendar alguma racionalidade nisso, para que essa fé não seja “cega”, e pra que esses sujeitos portadores da fé não sejam presas fáceis dos inúmeros enganadores por aí, ou porque não dizer, mercadores da fé.

Ferdinand Röhr⁵ discutindo sobre Espiritualidade e Educação, afirma que com certa frequência, assistimos pessoas se declarando espiritualistas, com algo em comum nessas pessoas, “a rejeição do materialismo, seja ele político, econômico, filosófico ou ateu em geral; a crença numa força superior ao homem, que confere sentido à vida; e, no mínimo, um distanciamento em relação às religiões formais e tradicionais” (RÖHR, 2012, p.13).

No campo da espiritualidade, o autor afirma que se deve considerar a integralidade do ser humano. Ele classifica como “As cinco dimensões básicas do ser humano”⁶: dimensão física (corporalidade físico-biológica); dimensão sensorial (sensações físicas percebidas através dos nossos cinco sentidos); dimensão emocional (vida da nossa psique, estados emocionais – medo, insegurança, euforia, apatia, tristeza, melancolia, impaciência, indecisão, pessimismo, etc.); dimensão mental (racionalidade no sentido restrito, pensamento reflexivo, recordação, memória, imaginação, fantasia, compreensão, criação de ideias, intuição); dimensão espiritual (parte da experiência de que as outras dimensões não esgotam o ser humano – realidade que só existe para mim na medida em que me comprometo com ela – abrange todos os valores éticos e conhecimentos filosóficos que só podem ser confirmados via intuição).

Também não menos importante, é o trabalho de Fabricio Possebon⁷ que aborda sobre Espiritualidade e saúde na perspectiva da experiência grega arcaica. Possebon (2016), se utiliza do vocabulário grego arcaico apoiado em passagens de textos épicos para construir um modelo de constituição do ser assim classificado:

Quadro 01: A constituição do ser

dimensão	envoltório
dimensão anímica	<i>psykhé, anima, alma</i>
dimensão intelectual ou mental	<i>noûs, intelligentia, inteligência e/ou ménos, mens, mente</i>
dimensão emocional	<i>thymós, animus, ânimo</i>
dimensão pneumática ou vital	<i>pneûma, spiritus, sopro</i>
dimensão somática ou corporal	<i>sôma, corpus, corpo</i>

Fonte: (POSSEBON, 2016, p. 119)

Os elementos apresentados por Possebon (2016), reforçam a importância da espiritualidade para os seres humanos. Não obstante a relevância das formas de conhecimento oriundas dos povos

⁴ Bíblia de Estudo SCOFIELD. Texto bíblico Almeida, corrigida, Fiel (ACF). São Paulo: Holy Bible, 2011, p. 1133.

⁵ Utilizei as citações desse autor no artigo de minha autoria “Educação e saúde: mudanças e possibilidades através da medicina alternativa, espiritualidade e emoções”, publicado nos Anais do V CONEDU - V. 1, 2018, ISSN 2358-8829.

⁶ Adaptado do quadro “As cinco dimensões básicas do ser humano”. (RÖHR, 2012, p.16).

⁷ Utilizado em “Educação e saúde: mudanças e possibilidades através da medicina alternativa, espiritualidade e emoções”, publicado nos Anais do V CONEDU - V. 1, 2018, ISSN 2358-8829.

não ocidentais, a matriz grega sobre a constituição do ser, continua com o seu poder de ação. Da cosmogonia à cosmologia, do *arqué* à ontologia, da verdade ao relativismo, do mundo das formas à metafísica, da gnosiologia à epistemologia, do material ao espiritual, os seres humanos não têm como prescindir dessa fonte.

Portanto, nos modelos apresentados por Röhr e Possebon, destaco pelo menos duas dessas dimensões: a emocional e a espiritual. Ao lidar com os símbolos, com o imaginário, ao se render ao sagrado, ao fazer da oração, o ser humano expressa suas emoções, aguça a sua espiritualidade, manifesta a sua fé e esperança, desenvolve a sua sensibilidade, o seu bem estar físico, mental e espiritual, em busca de encontrar “o perfeito equilíbrio entre os envoltórios”.

Considerações Finais

O universo multifacetado dos seres humanos é marcado, dentre outras coisas, por crenças, descrenças, realizações, frustrações, erros, acertos e tantas outras situações dicotômicas que envolvem as dimensões de sucesso e fracasso quando se objetiva alcançar alguma coisa. Nesse cenário, obviamente estes sujeitos não podem se furtar das intempéries e adversidades tão comuns no curso da vida. A escassez de chuvas é uma dessas adversidades enfrentadas pelo homem do campo que vive no sertão.

Se no século passado, o mundo teve que lidar com adversidades, tais como, duas guerras mundiais, a gripe espanhola, a crise de 1929, os regimes políticos totalitários, a guerra fria, crises do petróleo, terrorismos, etc., o fechamento da segunda década do século XXI, muito provavelmente, será apontado no futuro como uma das maiores tribulações enfrentadas pela humanidade nesse século, provocada pela pandemia causada pelo coronavírus Covid-19.

Desde que a Organização Mundial de Saúde decretou o estado de pandemia, os países dos vários continentes, se viram obrigados a tomar medidas preventivas, adotar políticas institucionais voltadas sobretudo para conter o avanço do vírus. As populações mundiais, salvo honrosas e raríssimas exceções, foram convocadas a se refugiar em suas próprias casas a fim de conter o contágio que acontece principalmente pelas vias aéreas. Nunca se ouviu tanto a recomendação de lavar as mãos com água e sabão e o uso do álcool em gel como forma de prevenção. O comércio na sua grande maioria foi fechado, salvo os casos dos chamados serviços essenciais, e as pessoas no acesso aos locais permitidos, estão sendo orientadas a manter um distanciamento umas das outras, evitar o contato físico e o uso de máscaras faciais se tornou obrigatório na maioria dos países. Penso que este “acessório” será de uso corriqueiro num futuro próximo!

Na expectativa do surgimento de vacinas e liberação dos governos de todas as atividades atualmente suspensas, já se utiliza a expressão “novo normal”, para se referir ao mundo após a pandemia. E o que é esse “novo normal”? Qualquer tentativa de resposta no momento será especulativa e indefinida. Decerto, a espiritualidade, pode ser utilizada como mecanismo de enfrentamento do cenário que se nos apresenta. Afinal, nunca é demais um pouco de fé, esperança, amor e resignação. A impotência momentânea diante do enfrentamento pandêmico, é a prova de que todo o nosso conhecimento não é suficiente para dar todas as respostas à aquilo que questionamos.

Referências

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciência das Religiões**: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Repensando a Religião).

CAPES. *Documento da área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/ciencia_religiao_teologia.pdf. Acesso em 08.01.2020.

COUTINHO, José Pereira. **Religião e outros Conceitos**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. XXIV, p. 171-193, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As escolas sociológicas clássicas; As escolas sociológicas contemporâneas. In: FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 91-156.

GRUBER, Arthur. **Covid-19**: o que se sabe sobre a origem da doença. São Paulo: Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. (14.04.2020). Acesso em 03.06.2020.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

MENESES, José Newton Coelho. “Águas passadas [...] movem moinhos”: água, abastecimento, higiene e processo saúde-doença na modernidade. In: ALMICO, Rita de Cássia da Silva.; GOODWIN JR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando. (Orgs.). **Na saúde e na doença**: história, crises e epidemias – Reflexões da História Econômica na época da Covid-19. São Paulo: HUCITEC, 2020, p. 48-58.

MORAES, Alexandre Santos de. Apolo e as marcas de sua epidemia na Ilíada. In: ALMICO, Rita de Cássia da Silva.; GOODWIN JR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando. (Orgs.). **Na saúde e na doença**: história, crises e epidemias – Reflexões da História Econômica na época da Covid-19. São Paulo: HUCITEC, 2020, p. 16-25.

NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Franklin. **Espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 97-119.

PAINE, Scott Randall. Filosofia da Religião. In: PASSOS João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 101-113.

POSSEBON, Fabricio. Espiritualidade e Saúde: a experiência grega arcaica. **Interações** – Cultura e Comunidade. Belo Horizonte, Brasil. v. 11, n. 20, p. 115-128, 2016.

QUEIROZ, Carlos. **Em busca da espiritualidade**: o mercado da fé e o evangelho da graça. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2013.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima; GOMES, Antônio Máspoli de A. Teorias Clássicas da Psicologia da Religião. In: PASSOS João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 333-345.

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Educação. In: RÖHR, Ferdinand. (org). **Diálogos em educação e espiritualidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 13-52.

SCOFIELD. **Bíblia de Estudo** - Texto bíblico Almeida, corrigida, Fiel (ACF). São Paulo: Holy Bible, 2011, p. 1133.

SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro. In: DIAS, André L. M.; NETO, Eurelino, T. C.; LEITE, Márcia Maria da S. B.(Orgs.) **História, cultura e poder**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010, p. 105-123.

VELASCO, Juan Martín. **Introducción a la Fenomenología de la Religión**. Madrid: Trotta, 2006.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

Recebido em 22/12/2020

Aceito em 10/02/2021

Received 12/22/2020

Approved 02/10/2021